



# Bordando a cidade: memória, identidade e afeto

THAÍS FERNANDA SALVES DE BRITO  
LEILA SANTANA DA SILVA DE CARVALHO  
GERIVALDO CALDAS DE OLIVEIRA

Embroidering the city: memory, identity, and  
affection

**PALAVRAS-CHAVE**  
**EXTENSÃO UNIVERSI-**  
**TÁRIA.**  
**PATRIMÔNIO.**  
**RELIGIOSIDADE.**  
**BORDADO BARAFUNDA.**

**KEYWORDS**  
**UNIVERSITY EXTEN-**  
**SION.**  
**RELIGIOSITY.**  
**HERITAGE.**  
**BARAFUNDA EMBROI-**  
**DERY.**

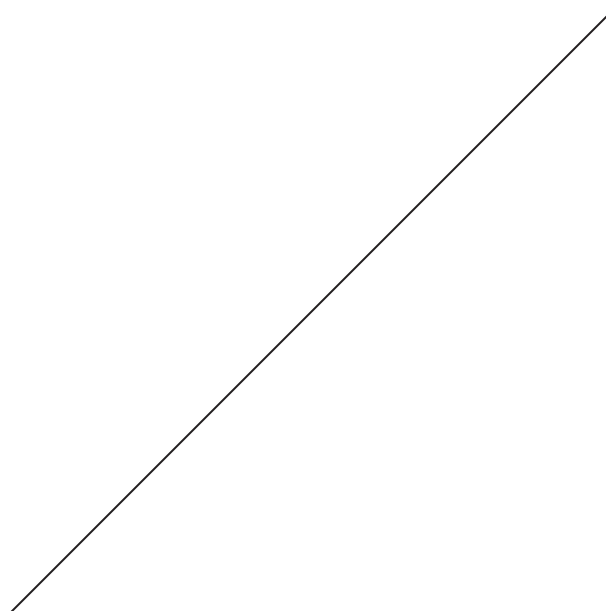
**RESUMO** Os bordados integram um conjunto de técnicas de ornamentação de tecidos que envolvem saberes práticos, revelando processos de aprendizado, criatividade e trabalho (Brito, 2022). Este artigo relata o processo de retomada e de realização das oficinas de bordado, em consonância com as perspectivas dos estudos sobre o patrimônio cultural, como extensão universitária, realizadas na cidade de Santo Amaro (BA). Como resultado, observamos como o fazer manual de um tipo de bordado tradicional e ligado ao território do Recôncavo se articula à construção de memória e de identidades, à elaboração de afeto intergeracional e ao fortalecimento de vínculos entre mulheres bordadeiras. Parte-se da apresentação do projeto Bordando a Cidade e de sua continuidade, que é o foco deste artigo, para refletir sobre os modos como práticas manuais se transformam em espaços de memória, de patrimônio e de produção coletiva.

**ABSTRACT** Embroidery is one of a group of textile ornamentation techniques that involves practical knowledge, revealing processes of learning, creativity, and work (Brito, 2022). This article reports on the process of restarting and conducting the embroidery workshops, realised through a university extension project in the city of Santo Amaro (BA). This edition of the embroidery workshops was structured in consonance with the perspectives of cultural heritage studies, and therefore focused on a specific type of traditional embroidery intrinsically related to the Recôncavo region, which allowed us to observe how the process of hand embroidery is connected to the construction of memory and identities, the development of intergenerational affection, and the strengthening of bonds between women embroiderers. We begin with a presentation of the Bordando a Cidade project and its continuity, which is the focus of this article, to reflect on how manual practices are transformed into spaces of memory, heritage, and collective production.

**THAÍS FERNANDA SALVES DE BRITO**  
*Profa. Dra. da Universidade Federal do*  
*Recôncavo da Bahia – UFRB.*  
*E-mail: thaisbrito@ufrb.edu.br*

**LEILA SANTANA DA SILVA DE**  
**CARVALHO**  
*Pós-graduanda em Patrimônio Cultural*  
*da Universidade Federal do Recôncavo da*  
*Bahia – UFRB. Bolsista da Coordenação*  
*de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível*  
*Superior - Brasil (CAPES).*  
*E-mail: leilalia@aluno.ufrb.edu.br*

**GERIVALDO CALDAS DE OLIVEIRA**  
*Graduado em Bacharelado Interdisciplinar*  
*em Cultura, Linguagens e Tecnologias*  
*Aplicadas pela Universidade Federal do*  
*Recôncavo da Bahia – UFRB.*  
*E-mail: gericaldas@hotmail.com*



**INTRODUÇÃO** Bordando a Cidade é um projeto de extensão que articula a prática do bordado aos processos de educação patrimonial, compreendendo o fazer manual como forma de produzir memória, pertencimento e reflexão sobre o território. Vinculado ao Massapê – Programa de Educação Patrimonial e sediado no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (Cecult) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), o projeto retomou suas atividades em 2025 por meio de oficinas de bordado, integradas ao projeto de pesquisa “Pedagogias do cotidiano: artes, saberes e fazeres da pessoa (em) comum”.<sup>1</sup>

Em seu primeiro quadriênio, entre 2015 e 2019, a iniciativa alcançou cerca de 70 mulheres em Santo Amaro, especialmente moradoras da Ilha do Dendê e do Derba, bairros situados em áreas consideradas

<sup>1</sup>  
O projeto de pesquisa “Pedagogias do cotidiano: artes, saberes e fazeres da pessoa (em) comum”, financiado pela Chamada CNPq/MCTI N° 10/2023 – Faixa A vem sendo desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Mesclas – Memória, Espaço e Culturas, sediado nesta universidade.

2

A ONG Cáritas Brasileira, fundada em 1956 por iniciativa de Dom Helder Camara, é um organismo da CNBB e integrante da Cáritas Internacional e, em Santo Amaro, atuava em parceria com a Igreja de N. S. do Rosário. Já o Programa de Permanência Qualificada constitui uma política institucional da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) voltada à permanência estudantil. À época, houve um esforço de vincular a bolsa de permanência às atividades de pesquisa e de extensão, iniciativa que se revelou fundamental para fortalecer as relações entre o novo campus e a comunidade santamarense. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/propaae/propaae?task=view&id=32>. Acesso em: 27 fev. 2026.

3

BRITO, Thaís Fernanda Salves de. Bordadeiras da Ilha (Santo Amaro/BA): um relato de experiência de vida e de extensão universitária. Revista da Extensão, Cruz das Almas, v. 14, p. 36-42, jul. 2018.

4

O período, contudo, foi academicamente fecundo: resultou em publicações de difusão universitária que registraram a trajetória do projeto e do grupo, apresentaram os produtos desenvolvidos e analisaram seus impactos na vida das participantes, além de aprofundar reflexões teóricas sobre patrimônio e aprendizagem técnica mediada por narrativas compartilhadas (um artigo na Revista de Extensão da UFRB, um artigo em periódico Qualis A e dois capítulos de livro)

periféricas da cidade. Durante aquela primeira edição, semanalmente, essas mulheres foram atendidas com cursos de técnicas de bordado, oficinas de educação patrimonial e cursos de formação empreendedora para o artesanato. Ali, construímos uma rotina de trabalho, em parceria com a ONG Caritas - que nos cedeu o espaço nos primeiros dois anos - e com o Programa de Permanência Qualificada da UFRB<sup>2</sup>, o que nos proporcionou uma aproximação consistente com a comunidade santamarense, através de três bolsas de pesquisa para alunas do Cecult.

Espontaneamente, com o desenvolver das oficinas de bordados e das conversas sobre o patrimônio, vimos nascer o grupo Bordadeiras da Ilha. Entre os anos de 2018 e 2019, cerca de 15 mulheres que se reuniram para bordar e criar peças com referências ao patrimônio cultural do Recôncavo passaram a comercializar estes produtos em eventos na cidade e por encomenda, com clientes, inclusive, fora do país. Esta história foi contada nesta mesma revista, em 2018.<sup>3</sup>

Infelizmente, esse modelo de trabalho não se sustentou por muito tempo. De um lado, não conseguimos atender às exigências burocráticas envolvidas na gestão de uma associação formalizada; de outro, faltaram condições para estruturar a comercialização das peças de forma contínua. A pandemia da Covid-19, por sua vez, inviabilizou os encontros presenciais e aprofundou fragilidades já existentes. Trata-se, contudo, de obstáculos recorrentes na trajetória de muitas associações de artesãs, que enfrentam desafios estruturais relacionados à formalização jurídica, à gestão administrativa e à inserção estável no mercado.<sup>4</sup>

Voltamos da pandemia, mas não foi simples voltar a nos reunir. O grupo havia se dispersado, e o interesse se perdeu nos difíceis dias de reclusão. Entretanto, a vontade de viver novamente aquela experiência permanecia, mas não sabíamos como retomar o caminho abandonado. Em um primeiro momento, pensamos em experimentar uma nova possibilidade de uso dos bordados: o “craftivismo” (neologismo, do inglês *craft* (artesanato) + *ativismo* – referindo-se aos ativismos políticos, baseados no DIY – *do it yourself*). Mas, ainda nos faltava algo.

Seguindo os passos do primeiro projeto de fomento ao bordado e à sensibilização para a educação patrimonial, desejávamos intercalar oficinas de educação patrimonial e de técnicas de bordado, por isso resolvemos levar a sério a perspectiva patrimonial e considerar os bordados não somente como didática ou caminho para se pensar o patrimônio. Passamos a pensar no bordado, entendendo-o, em si, como patrimônio. Por isso, iniciamos uma pesquisa sobre as atividades de linhas e agulhas e, neste contexto, um bordado específico, presente no Recôncavo em vários níveis da experiência das mulheres e também da coletividade, emergiu: o bordado barafunda.

Por isso, nesta edição, o projeto Bordando a Cidade dedicou-se ao bordado barafunda que se tornou muito popular na Bahia, principalmente na indumentária sacra do Candomblé. O bordado barafunda, como é popularmente conhecido na cidade de Salvador e em todo o Recôncavo Baiano, apresenta semelhanças com técnicas como o crivo e o labirinto, que também utilizam a retirada de fios do tecido base para formar padrões vazados. Embora compartilhem princípios estruturais semelhantes, o barafunda possui características estéticas próprias, marcadas pela complexidade dos desenhos que fazem menção a aspectos do cotidiano, algo que é muito explícito no nome dos pontos, bem como pela riqueza

ornamental, especialmente quando aplicado em panos e vestimentas de uso religioso.

Como qualquer bordado que busca a excelência, sua execução exige: atenção minuciosa, habilidade manual, compreensão clara dos processos, memória, persistência e controle emocional. Trata-se de uma técnica que convoca o olhar detalhado, os dedos treinados, a paciência no ritmo e a concentração profunda, às vezes, com gestos repetitivos que carregam uma dimensão quase meditativa. Essa exigência técnica e sensorial revela como o bordado, no qual o barafunda se afirma como prática de saber-fazer, tem profundo valor cultural, afetivo e simbólico.

Embora presente em outras regiões, o bordado barafunda aparece, com muita evidência, na indumentária da religiosidade do Candomblé, adquirindo uma função simbólica, sendo utilizado para compor os *ojás*<sup>5</sup>, as saias e as vestimentas, frequentemente associadas à figura das mulheres mais velhas das casas de axé<sup>6</sup>. Essa prática não apenas marca um símbolo de graduação dentre os iniciados na religião e, também, o reconhecimento dentro da comunidade religiosa, o que reforça a tradição ancestral.

Durante o projeto de extensão *Bordando a Cidade: Oficinas de Bordado e de Educação Patrimonial*, tornou-se evidente que o ato de bordar, para além do desenvolvimento técnico, ativava memórias e mobilizava relatos pessoais e coletivos, configurando um espaço de troca e acolhimento. Ao reunir diferentes pessoas em torno desse fazer, o bordado operava como dispositivo de socialização e de elaboração de experiências. Nos gestos repetidos e na composição dos pontos, inscreviam-se modos de narrar o vivido, de interpretar o território e de afirmar trajetórias. Assim, mais do que ornamento, o bordado revelava-se como prática de continuidade e de afirmação da vida cotidiana.

**OFICINA BORDANDO A CIDADE: METODOLOGIA** No período que precedeu o retorno das oficinas, que durou cerca de um ano, contamos com a participação de duas estudantes bolsistas de Iniciação Científica, dedicadas aos ofícios de linhas e agulhas: Leila Carvalho e Karine Barros. Ao longo de 2023, ambas realizaram uma pesquisa bibliográfica sobre teorias antropológicas relativas às atividades artesanais, às práticas regionais de produção de rendas e de bordados, e às intersecções entre expressões artísticas, ativismo, política e organização coletiva de mulheres.

Na etapa seguinte, integrou-se à equipe, como bolsista de iniciação à extensão (Proexc/UFRB), Baba Geri, estudante do Bicult, artista plástico, cenógrafo e bordador especializado na tipologia barafunda. Convidado a compartilhar esse saber, ele já vinha desenvolvendo uma pesquisa sobre a técnica, experimentando variações de pontos e organizando uma lâmina didática com peças emolduradas em papel. Esse recurso permitia que as pessoas visualizassem o bordado em modelo plano, facilitando a compreensão da composição e da estrutura da peça. A seleção dos pontos e das possibilidades compositivas trabalhadas nas oficinas levou em conta o tempo disponível, a progressão da aprendizagem técnica e os custos envolvidos.

Com equipe formada e objetivos bem definidos, retomamos o projeto de extensão *Bordando a Cidade: Oficinas de Bordado e de Educação Patrimonial*, idealizado e coordenado pela professora Thaís Brito. Desta

5  
Conhecido também como turbante, é um tecido sagrado utilizado em rituais do candomblé, especialmente como faixa para cobrir ou proteger a cabeça (orí).

6  
São espaços sagrados dedicados ao culto de orixás e outras divindades nas religiões de matriz africana, como o candomblé.

vez, o projeto teve como propósito promover encontros de aprendizado do barafunda, valorizando as técnicas, muitas delas esquecidas, assim como os saberes e as experiências relacionados a este bordado, integrando-os à reflexão sobre patrimônio e cultura.

As oficinas foram ministradas por Baba Geri, organizadas por Leila Carvalho que atuou em parceria e apoio para o funcionamento do projeto. O curso teve grande repercussão e mobilização comunitária: as 20 vagas disponíveis foram preenchidas em menos de uma hora após a abertura das inscrições, o que resultou em uma extensa lista de espera. A divulgação foi estrategicamente orientada para alcançar participantes de diferentes faixas etárias, com ênfase em moradores da cidade. Utilizamos redes sociais de amplo alcance local, o que favoreceu uma composição intergeracional no público participante.

As oficinas ocorreram aos sábados, facilitando a participação do público e o uso das instalações do Cecult, considerando a limitação de salas de aula disponíveis durante a semana, quando há prioridade para as atividades didáticas da graduação. A aquisição dos materiais necessários para a realização deste projeto (tecidos, bastidores, agulhas e desfiadores e linhas) foi viabilizada com recursos do CNPq, advindos do Projeto Universal e pela docente responsável pela atividade.

Como parte da comissão organizadora, a artista visual Leila Carvalho, que participou desde os primeiros intentos de retomada do projeto, como aluna de Iniciação Científica, dedicou-se ao desenvolvimento dos materiais de comunicação e ao acompanhamento das participantes, fortalecendo os vínculos estabelecidos ao longo do processo. Sua inserção também se deu enquanto pesquisadora: os encontros permitiram o aprofundamento do saber-fazer que constitui o objeto de sua investigação, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio (PPGAP) da UFRB, articulando prática artesanal, experiência etnográfica e estudo de arquivos.

Nesta nova edição, o projeto concentrou-se na criação de um espaço de formação e partilha em torno da técnica barafunda, priorizando sua dimensão pedagógica. A reflexão teórica acumulada nas etapas anteriores orientou o desenho metodológico das oficinas, mobilizando debates sobre as dimensões socioantropológicas do bordado. O fomento econômico não constituiu objetivo direto desta etapa, ainda que a formação técnica oferecida pudesse, posteriormente, ser mobilizada pelas pessoas participantes em iniciativas produtivas próprias.

A seguir, apresentamos os desdobramentos metodológicos do processo, entendendo que, no campo dos saberes artesanais, prática e teoria se entrelaçam de forma indissociável.

**OFICINA BORDANDO A CIDADE: PRÁTICAS, SABERES E RESISTÊNCIA** O curso teve início em 14 de setembro de 2024 e foi concluído em 14 de dezembro do mesmo ano. Os encontros do curso aconteceram no campus do Cecult, em Santo Amaro-BA, em alguns sábados, inicialmente a cada 15 dias; no entanto, devido a feriados e imprevistos, algumas aulas foram realizadas em dias úteis e em semanas subsequentes. Optou-se por disponibilizar 20 vagas, considerando que esse número seria adequado para que o ministrante e as demais coordenadoras pudessem oferecer atenção individualizada às participantes. A faixa etária dos participantes variava de 17 a 70 anos, com maior concentração entre

40 e 50 anos.

As aulas de bordado Barafunda inauguraram nosso contato sistemático com essa técnica que, como já mencionado, exige atenção, memorização e destreza manual. O primeiro encontro transcorreu em ambiente acolhedor, favorecendo conversas e permitindo que o grupo se conhecesse. Babá Geri, responsável pela condução das oficinas, apresentou ojás e panos da costa bordados por ele, nos quais estavam exemplificados os pontos que seriam trabalhados ao longo do curso.

A apresentação dessas peças gerou entusiasmo e curiosidade entre as pessoas participantes. A riqueza de detalhes e a complexidade dos pontos suscitaram perguntas sobre os processos de criação e de execução. Na mesma ocasião, foram expostos o roteiro das oficinas, os conteúdos previstos e distribuídos os materiais (tecido, linhas, agulhas e desfiação), além da introdução às primeiras técnicas de desfiamento.

O desfiamento foi iniciado em sala, mas, devido à complexidade e à dedicação que esse processo exige, sua conclusão ocorreu no espaço doméstico, no ritmo de cada participante. Ao final de cada encontro, seguimos com uma tarefa semanal: dar continuidade ao que havia sido iniciado coletivamente, agora em prática individual. O bordado barafunda requer paciência, concentração e uma temporalidade própria, marcada pelo cuidado e pela atenção. Embora o desfiamento seja uma das etapas mais minuciosas da técnica, todas as pessoas participantes avançaram de forma consistente, seguindo o percurso proposto.

Após a conclusão do primeiro exercício, foram distribuídos novos tecidos e, pela primeira vez, foi introduzido o uso do bastidor. Esse instrumento é fundamental para a execução dos pontos seguintes, pois mantém o tecido tensionado e a linha firme, garantindo maior precisão no manejo da agulha. Para cada novo ponto que aprendemos, é necessário um novo tecido, previamente desfiado, que serve de base para o novo ponto. Há uma geometria que surge no desfiar e determina o plano em que serão forjadas as novas linhas. O processo de desfiar, normalmente, era iniciado coletivamente e concluído em casa, em uma repetição paciente que integrava a própria formação técnica.

Na etapa seguinte do primeiro exercício de desfiamento, foi apresentado o ponto percevejo. Diferentemente do anterior, ele exigia que o tecido fosse trabalhado tanto no sentido vertical quanto no horizontal, o que aumentava o grau de atenção necessário para evitar falhas que comprometeriam o pano. Esse acréscimo de complexidade gerou alguns atrasos, que foram superados com o acompanhamento próximo do ministrante. Enquanto parte do grupo avançava para a execução do novo ponto, outras pessoas concluíam o desfiamento e davam sequência à prática em casa, apoiadas por vídeos gravados por Leila a cada encontro.

Os desafios desse momento também estavam relacionados às condições concretas de vida das participantes: muitas cumpriam jornadas de até oito horas diárias e dispunham apenas do período noturno para as tarefas domésticas e para o bordado. Ainda assim, cada uma buscava inserir o aprendizado no tempo disponível, respeitando o próprio ritmo de trabalho.

O ponto Asa de Mosca revelou-se uma técnica ainda mais desafiadora. Esse ponto exige maior atenção, memorização de um passo a passo e a construção prévia de um esqueleto para sua execução. Permanecemos por cerca de três semanas na tentativa de concluí-lo. Em seguida,



FIGURA 1 – PROCESSO DE DESFIAMENTO/ FONTE: REGISTRO DE LEILA CARVALHO (2024).



FIGURA 2 – MOMENTO DE APRENDIZAGEM COM O MINISTRANTE DURANTE A OFICINA/ FONTE: REGISTRO DE LEILA CARVALHO (2024).

finalizamos com o ponto Roda de Quiabo, cuja execução exige domínio prévio do ponto Flor de Abóbora. Em um dos encontros, vivenciamos o processo de execução desse ponto tão complexo.

Cabe destacar que, embora o fomento econômico não tenha sido o objetivo desta edição do projeto, os encontros evidenciaram o potencial do bordado como atividade capaz de gerar efeitos sociais e econômicos concretos. Parte das pessoas inscritas buscava aprender a técnica barafunda com a intenção de incorporá-la, futuramente, às próprias produções para comercialização. Algumas já atuavam com costura, realizavam encomendas e participavam de feiras culturais na cidade, vislumbrando, na nova técnica, uma ampliação do repertório e de possibilidades de trabalho.

O próprio ministrante constitui exemplo dessa articulação entre saber técnico e inserção econômica: parcela significativa de sua renda provém da produção de bordados barafunda, da confecção de vestimentas, prioritariamente para pessoas do Candomblé, e da oferta de cursos remunerados. Nesse sentido, o projeto não apenas contribui para a circulação e a continuidade da técnica, mas também torna visível sua inserção em circuitos de trabalho e de geração de renda, sem reduzir o bordado à sua dimensão produtiva.



FIGURA 3 – MOSTRUÁRIO DE BORDADO ELABORADO POR DONA ZENI, INTEGRANTE DA OFICINA DE BORDADO/ FONTE: REGISTRO DE LEILA CARVALHO (2024).

Por muito tempo, o conceito de patrimônio esteve restrito à ideia de monumento, entendido como qualquer estrutura construída pela comunidade para lembrar eventos, sacrifícios, rituais ou crenças ao longo das gerações Choay (2006, p.11). No entanto, em um país tão diverso quanto o Brasil, com uma multiplicidade étnica, religiosa, social e regional, limitar a preservação apenas ao aspecto material pode ser considerado restrito. A nova política que começou a ser moldada com a chegada de Aloísio de Magalhães<sup>7</sup> ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na década de 1970 refletiu a necessidade e a viabilidade de formular uma política de preservação culturalmente inclusiva e socialmente representativa.

Durante décadas, prevaleceu um modelo de atuação preservacionista focado no registro de bens classificados como “pedra e cal”, ou seja, aqueles de natureza exclusivamente material. (Gonçalves, 2003, p. 28) Contudo, essa perspectiva começou a mudar com a promulgação da Constituição Federal de 1988<sup>8</sup>, que, em seus artigos 215 e 216, ampliou significativamente a noção de patrimônio cultural. A nova abordagem reconheceu a importância tanto de bens culturais materiais quanto imateriais, valorizando práticas, saberes, expressões e manifestações culturais que refletem a identidade e a memória de diferentes grupos sociais

Práticas culturais de grupos tradicionais, como o ofício das baianas, a capoeira e o samba de roda, passaram a ser reconhecidas como patrimônio por seu valor simbólico para as comunidades. Segundo Gonçalves (2003), o patrimônio está ligado à memória, à identidade e ao conflito e deve ser registrado, não tombado, com acompanhamento de suas transformações. Esse reconhecimento depende da valorização coletiva. No campo têxtil, destaca-se o saber-fazer da Renda Irlandesa, e este saber-fazer se expande para pensar outros bordados, como o da Barafunda.

Para além de sua dimensão ornamental, o bordado barafunda evidencia uma técnica historicamente associada a mulheres negras na Bahia, cuja prática revela estratégias de elaboração estética em contextos marcados por restrições sociais. As peças produzidas podem incorporar valores religiosos e identitários, ao mesmo tempo em que circulam em dinâmicas econômicas concretas.

Durante a oficina, muitas das memórias evocadas pelas participantes estavam vinculadas à religião e ao cotidiano doméstico. Algumas manifestaram o desejo de aprender a técnica para confeccionar vestimentas religiosas, explicitando a relação entre a fé e o pertencimento. Outras buscavam aplicá-la na produção de toalhas e enxovais destinados à venda, evidenciando a dimensão prática e econômica desse saber manual.

O aprendizado ocorreu de forma coletiva e colaborativa. Algumas participantes já possuíam conhecimento prévio da técnica, inclusive por terem aprendido determinados pontos com Baba Geri em outros contextos. Ainda assim, o processo não se concentrava na figura do professor. Havia circulação de saberes: ensinava-se e aprendia-se continuamente, em um ambiente marcado pela atenção mútua.

7  
Aloísio Sérgio Barbosa de Magalhães (1927–1982) foi designer e gestor cultural brasileiro, tendo presidido o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no final da década de 1970, período em que contribuiu para a ampliação das políticas de preservação cultural no Brasil.

8  
BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Art. 215 e 216.

O gesto de bordar, constantemente observado, corrigido e ajustado, evidenciava que a técnica se inscreve na memória corporal, envolvendo a mente, a postura, o ritmo e a coordenação dos dedos. Para quem já dominava outras modalidades de bordado, a adaptação foi mais ágil; para as iniciantes, os primeiros momentos exigiram maior concentração e paciência. Tornava-se visível o esforço de acomodação do corpo à nova sequência de movimentos, até que os gestos encontrassem seu próprio compasso.

Como dito na seção anterior, a oficina reuniu participantes de diferentes gerações. Essa diversidade etária enriqueceu os encontros, ainda que as formas de participação variassem. A mais jovem do grupo, com 17 anos, mantinha-se mais reservada: observava com atenção, participava com gestos sutis, sorria diante das falas mais engraçadas e, ocasionalmente, se aproximava de outras participantes para se entrosar. As demais mantinham um convívio marcado por espontaneidade, conversas animadas, risadas constantes e até momentos de canto coletivo. Havia uma dinâmica de agrupamento e dispersão: em certos momentos, pequenas rodas de conversa se formavam, mas logo se dissolviam, retornando à convivência coletiva.



FIGURA 4 –REGISTRO DE INTERAÇÃO ENTRE PARTICIPANTES E MINISTRANTE DURANTE A ATIVIDADE DA OFICINA/ FONTE: REGISTRO DE LEILA CARVALHO (2024).

O espaço da oficina permitia uma relação viva, cheia de sons, gestos e afetos. O silêncio era pontual, surgia apenas quando o ministrante apresentava um novo ponto ou demonstrava uma técnica específica. No restante do tempo, o ambiente era marcado por vozes, pedidos de ajuda, ruídos, comentários espontâneos e muitas risadas, especialmente nos momentos de desfazer o bordado, quando os erros eram tratados de forma engraçada pelo ministrante. Diferentemente de alguns espaços formais de aprendizagem, ali não havia cobrança por silêncio ou por concentração única. Os sons não incomodavam, cada um parecia imerso no próprio gesto, mas também disponível para a presença do outro. O foco estava no fazer, mas também na troca.

Entre as participantes, criaram-se vínculos diversos: amizades que se prolongaram além da oficina, acordos de carona, reconhecimentos em histórias de vida e experiências religiosas semelhantes. Embora cada uma tivesse suas motivações individuais para estar ali, o bordado operava em muito dos momentos como linguagem igualitária.

Pensar a oficina de bordado Barafunda como prática cultural transpõe a transmissão de um saber; trata-se de reconhecer e fortalecer um conhecimento que carrega afeto, identidade e resistência. Ao ser compartilhado em contexto coletivo, o bordado deixa de ser apenas uma habilidade individual e passa a compor um tecido mais amplo de transmissão de saberes, marcado por experiências de pessoas religiosas, curiosas e artesãs. Ao promover a troca geracional, o fortalecimento de vínculos e a valorização de expressões culturais, a oficina se afirma também como um gesto político de reconhecimento, de visibilidade e de cuidado com aquilo que sustenta a cultura de forma cotidiana.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** Embora o bordado costuma ser percebido como prática silenciosa e individual, a experiência da oficina evidenciou sua dimensão política, entendida aqui como produção de formas de convivência, reconhecimento e circulação de voz entre as participantes. Ao longo dos encontros, consolidou-se um ambiente de escuta e abertura entre mulheres que, mesmo partindo de trajetórias distintas, encontraram no gesto de bordar um ponto de convergência. A convivência semanal fortaleceu vínculos e criou condições para a partilha de histórias, desafios e experiências, configurando uma rede de confiança construída no próprio fazer.

Esse fazer conjunto instaurava uma temporalidade distinta daquela que organiza grande parte das rotinas produtivas. Bordava-se no tempo da conversa, da tentativa e do erro, respeitando o ritmo de cada corpo e de cada processo de aprendizagem. Criava-se, assim, um espaço em que o fazer não estava orientado pela urgência ou pela produtividade imediata, mas pela atenção compartilhada.

Para além da experiência imediata, a oficina gerou expectativas de continuidade. Ao final do curso, multiplicaram-se as perguntas sobre novas edições e pedidos de encontros futuros. “Quando vamos bordar juntas novamente?” era uma questão recorrente no grupo de WhatsApp. Essas manifestações indicam que o espaço construído ultrapassou a dimensão estritamente formativa, assumindo o significado de lugar de convivência, reconhecimento e pertencimento.

## REFERÊNCIAS<sup>9</sup>

BRITO, T. F. S. Do enfeite à festa: o uso do bordado como narrativa, ação e engajamento em duas festas tradicionais brasileiras. **Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 26, n. 1, p. 945, 2022.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

GONÇALVES, J. R. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (org.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 13–24.

9

Este texto foi revisado com o auxílio da ferramenta de inteligência artificial ChatGPT (OpenAI), utilizada exclusivamente para apoio na revisão linguística e aprimoramento formal da redação. As ideias, análises e responsabilidade pelo conteúdo são de autoria da(s) autora(s).